



Rocha, presidente da Bolsa: "O mercado sofre a falta de compradores"

Mercado financeiro quer "dinheiro novo"

Divida externa

Do Correspondente

São Paulo — Bancos estrangeiros credores do Brasil pretendem aplicar parte da dívida no País como capital de risco, disse ontem Eduardo Rocha Azevedo, logo após tomar posse da presidência da Bolsa de Valores de São Paulo. Rocha Azevedo acredita que tais investimento poderão beneficiar as cotações da Bolsa de Valores, dependendo da regulamentação dessas aplicações. Ele não quis dar os nomes dos bancos interessados. Mas adiantou uma pista: são instituições que têm representação ou agências no Brasil.

"O mercado sofre a falta de compradores", disse Rocha Azevedo. "O Governo mexeu na hora errada e espantou os investidores" completou. Ele acredita que a bolsa levará pelo menos 5 anos para recuperar apenas a metade dos inves-

tidores (pessoa física) que tinha há um ano e meio atrás.

O novo presidente sucede Eduardo Alfredo Levy Jr. que renunciou no último dia 30. Sua administração foi bastante desgastada pelas críticas que recebeu na liberação de verbas de Cz\$ 48 milhões para socorrer uma empresa em dificuldades no mercado de opções, do corretor Ricardo Thompson. No final do ano a bolsa gastou outros Cz\$ 108 milhões com a Corretora Konta, que fora prejudicada por irregularidades praticadas por seus funcionários. A partir daí, Levy Jr. sofreu uma forte pressão de algumas corretoras associadas à Bolsa, que não diminuíram nem mesmo quando ele afastou seu superintendente, José Maria Soares, em fevereiro.

Rocha Azevedo limitou suas críticas à administração anterior à observação

de que foram feitos gastos e contratações que poderiam ter sido deixados para outra ocasião. O quadro de funcionários, por exemplo, subiu de 900 para 1200 pessoas.

Dentro das medidas de economia que ele pretende aplicar está a unificação de serviços com a Bolsa Mercantil e de Futuros, da qual é presidente e se licencia hoje. Com isso ele acha que haverá uma diferença de 25 por cento no custo operacional das corretoras. Nos seus planos está entrar em contato com as fundações, numa tentativa de melhorar os negócios. Ele observa que a situação atual da bolsa é um reflexo da economia do País: "São Paulo trabalha mais com papéis da iniciativa privada e sente mais os problemas da economia. Diziam que o programa do FMI é recessivo. Pois nós estamos em recessão sem o FMI".